Eu não tenho armadura, faço da benevolência minha armadura.

Eu não tenho poderes mágicos, faço da minha personalidade meus poderes mágicos.

Eu não tenho vida ou morte, faço das duas uma, tenho vida e morte.

Lutas Sinceras

Heranças

Prólogo

Um jovem professor de inglês fez amizade com um mendigo que surgiu próximo a sua casa. O mendigo era um real sincero, uma pessoa que naturalmente lança seus pensamentos para fora e pode aprender a ler os pensamentos lançados por outros.

Ele trazia consigo Schmied, uma espada cuja lâmina se acende em brasa a seu comando e que pode produzir uma fuligem especial capaz de absorver sujeira e produzir objetos. A utilização de corpos capazes de se moverem discretamente na escuridão lhe rendeu o apelido “o Vulto”.

Cândido, após se tornar seu discípulo, foi atacado por três fanáticos, pessoas com capacidades similares a de reais sinceros, mas que escolhem por as verem como provas de serem superiores e de que seus dogmas seriam corretos.

Agora, Cândido se recupera de sua última batalha, enquanto o Vulto treina sua sobrinha a usar suas capacidades ainda não adurecidas contra oum grupo de fanáticos conhecidos como o Inquérito.

Fim

Os dias lhe pareciam mais duros. Após um mês suando sobre os lençóis e sendo acordado por suas dores, ele finalmente acordou sentindo seu corpo, mas não elas.

O próximo mês não teria compromissos como os fins e inícios de anos costumavam não ter, o que lhe permitiria passar tranquilamente por aquelas manhãs intensas. Parecia estar aprendendo a sentir seu corpo normal novamente. A ignorar suas imperfeições. As últimas eram todas leves dores, mas pesadas lembranças.

Ao fim de uma semana, acordou pela primeira vez para se virar não por dor ou sofrimento psicológico, mas apenas para olhar para fora. Aquela foi uma semana de sol intenso. A cada dia ouvia na tv os pedidos por chuva. “Tá muito abafado”, “Podia dar uma chuvinha”.

Se ao início daqueles dias ele notava os comentários sem processá-los, assim como tudo que não lhe era necessário, ao fim daquela semana ele se lembrava dos problemas que a chuva sempre trazia. Escondeu-se do sol o quanto pôde, mas lhe era aparente que o contato humano era inevitável. Fez-se sair.

Aqueles dias lhe eram duros. O Sol emanava seu calor sem perdão. As nuvens lutavam por seu espaço no céu, anunciando que seriam igualmente cruéis se vencessem. Os trágicos pensamentos o faziam deixar aquele mundo novamente para voltar a sua caverna, onde poderia desligar as notícias.

Em sua mente, porém, algo mais lhe pesava. Pensava em obrigações de cidadania que não podia resolver para não pensar em outra que deveria e negligenciava.

Chegara finalmente ao ponto em que tinha de considerar voltar à normalidade. Estava agora curado, ainda que não tivesse sarado. Sua mente sarara o suficiente para pensar que deveria novamente treinar, mas ainda não o fizera. Sentia também sua mente fraca, o que o fazia temer não poder suportar o treinamento, pelo menos ainda não.

Chegando à curva aonde a rua menor chega à avenida onde morava, ele ouve uma voz familiar. “Não se preocupe. Enquanto não se sentir disposto, nenhum treino será eficaz... Não é como se o que você conseguiu naquele dia não fosse um imenso avanço.

Descanse.”. Ele ouvia seu mestre e falava para ele em sua mente enquanto de longe dava as costas a aquele prédio. Os dois estavam completamente de

acordo. Naquele dia descansou melhor do que antes, mais tranquilamente.

No dia seguinte, acordou tarde, mais disposto. Finalmente se sentia normal sem tentar se forçar ou sequer pensar que deveria.

Enquanto chegava com os pães àquela esquina, já no começo da tarde, lembrava-se das palavras dele no dia anterior. Pensou por um instante ser melhor descansar mais, não arriscar ainda. Sua disposição, entretanto, era suficiente para o fazer pensar que, se a negasse, estaria escolhendo a caverna à avenida; o pequeno, onde parece ser melhor, ao grande onde é apenas mais um; a multidão onde se perde ao vazio onde ele é mais responsável.

Deixou a curva de sempre. Atravessou a rua. O caminho curto era apenas isto. Curto. Por muitas vezes, pensou-o mais longo e tortuoso. Era, porém, apenas meio quarteirão de calçadas quebradas. Uma linha quase reta do conforto e solidão de sua casa ao abandono e companheirismo daquele prédio.

As rachaduras secas pelo chão estavam mais visíveis que o normal. O primeiro mês do ano acabava como sempre, com lugares normais vazios e lugares especiais com amontoados de pessoas.

Chegando à velha porta enferrujada, ele ouve ruídos de batalha. Preocupou-se, mas foi

imediatamente tranquilizado pelo próximo som. O ranger da velha porta ao se abrir foi quase completamente apagado por ele. Metal contra metal, qual uma serra. Constante enquanto ele subia ainda ligeiro pelas escadas.

A cena que o criava lhe fora nostálgica. Sobre uma das grandes vigas acima do grande andar escuro, seu mestre era iluminado pela lâmina acesa de Schmied segurada para baixo, usada como escudo contra um círculo em brasa que girava e lançava fagulhas ao ar. A sua frente, Natasha segurava seu arco ainda em posição de o ter disparado, focada em seu alvo e em manter sua moeda girando contra ele.

Naquela velha estrutura tomada pelas trevas e penumbra, o rosto do Vulto sorria de lado. “Não, tem algo diferente... Ainda não notou?” Cândido ficou curioso ao ouvir seu mestre em sua mente, procurando com os olhos e o pensar o que poderia estar diferente.

Enquanto se aproximava de Natasha, ele nota que o prédio estava ligeiramente mais claro do que o de costume. Olhou para o lado e confirmou que as janelas estavam sendo fechadas pelas cinzas de seu mestre.

Schmied se move. O Vulto se deixa cair para sua direita, virando a lâmina levemente e fazendo a moeda passar mudando de ângulo e atingir o teto,

ruidosamente fazendo se abrir um buraco de tamanho suficiente para a passagem fácil de uma pessoa.

Finalmente, Cândido percebe que nove buracos formavam uma linha quase perfeitamente reta com o que acabara de se abrir, permeando luz lado-a-lado no telhado.

— Você fez isso?

— Oi tio! –Natasha se virou para trás e abraçou seu tio.

— Como...

Em sua mente, Cândido viu seu mestre sobre a viga no meio de nove golens de fuligem. Um instante depois, de perto de seu ponto de vista, dez moedas são lançadas em rápida sucessão. Schmied foi movida velozmente para defender seu mestre, enquanto a claridade do ataque e da lâmina iluminava os dois golens mais próximos e partes gradualmente menores dos demais, que rapidamente se tornaram mais visíveis por luz vinda de dentro deles, e então explodiram.

— Ela está bem melhor do que você pensa, Cândido. Nos últimos dois meses ela se desenvolveu bastante.

— É... Eu não ouvia mais nada vindo da mente dela, mas não imaginava sequer que ela já poderia projetar imagens. Eu nem...

— Sim, mas você não é um sincero voltado para telepatia. Só faz o básico mesmo.

— Não achei que ela fosse.

— E não é. Mas é mais voltada a isso que você... Natural não? Ela tem que se ligar ao alvo para atingi-lo. É normal que tenda a ligar sua mente mais facilmente...

— Então você realmente acredita nessa ideia de ligação literalista entre o sincero e a arma, não?

— Talvez mais do que nas outras...

— E que tipo eu sou?

— Bem, até o momento você parece ser o tipo que consegue adaptar a mente. E, por isso, você também consegue adaptar sua arma.

— Verdade... E você?

— Eu sou um tipo mais raro...

— Todos gostam de pensar em si mesmos como raros...

— E todos somos, de uma forma ou de outra... Mas chega disso...

Os três desceram. O Vulto foi até o tonel de sempre e deitou sobre ele sua Schmied, fazendo uma pequena brasa cair da lâmina e acender o fogo. Sobre sua espada, ele fez surgir uma chapa de fuligem dura como metal e sobre ela deixa cair o conteúdo de uma lata de salsichas viena para fritar.

Natasha comeu seu pão com salsicha frita e os deixou com o fim da tarde. Para ela, aquele dia terminava como qualquer outro antes. Seu tio voltara ao normal.

Após os dois a verem ir em direção à porta de metal e a sentirem sair, porém, o Vulto se volta para Cândido e muda o tom da conversa.

— Eu entendo porque você não quer que ela saiba, mas você não devia ter tentado esconder isso de mim. –Cândido levanta sua sobrancelha esquerda instintivamente. O Vulto deixa seu queixo baixar enquanto o pega com sua mão direita, pensativo por um instante. –Então, talvez você não tenha percebido...

— Do que você está falando? –O Vulto levanta seus olhos na direção de Cândido.

— Do motivo para você passar tanto tempo em casa.

— Mas eu...

“É melhor você lembrar”. Ouvindo a voz do Vulto em sua mente, Cândido vê a imagem de sua sobrinha o ajudando a deixar o local de sua última batalha contra a fanática da luva dourada. Ele se lembrou do caminho que fizeram, mais perigoso que o caminho de sempre, mas menos frequentado, e das dores de caminhar. A cada nova imagem, menos se lembrava de ter pensado nestas lembranças nas últimas semanas.

Cândido achou ser normal esquecer daquelas dores. “Não tenho porque me lembrar delas”, pensou. “Apenas do que ocorrera.”

“Mas você não lembra do que aconteceu...”. Cândido se surpreendeu com o pensamento que seu mestre lhe passava. Perguntava-se do que poderia não estar se lembrando.

Ele se viu então levantar depois de uma semana de agonizantes dores. Ia ao telefone com dificuldade. Perguntou-se por que precisava o fazer, e entendeu imediatamente que seu telefone sem fio estava descarregado.

Chegando à mesinha junto à entrada de sua casa, ele viu ser de seu trabalho. Temendo pelo que ouviria, ele atende.

— Estavam dizendo que eu entraria de férias...

— Sim... E você pensou ser um alívio.

— E disse que viajaria para descansar...

— Porque pensou que poderiam tentar falar com você.

— Mas, por que eu não lembro disso?

— Pelo que dizem depois...

Os olhos de seu mestre lhe passavam tristeza. Procurava em sua mente o porquê, até subitamente ouvir em sua mente aquela conversa.

— ...Então, a gente se vê depois do carnaval.

— Mas quem vai ficar no meu lugar?

— Ah, pode viajar sem preocupações. Metade dos professores vai estar de férias, e metade vai substituir.

A tensão se mostrou na testa de Cândido, enquanto seus olhos não pareciam demonstrar uma reação às memórias que surgiam. Para o Vulto,

entretanto, aquela inação era uma clara tentativa de absorver a notícia que seguia.

— Eu perguntei dela...

— Se ela ia viajar ou trabalhar.

— ...E eles me disseram que nenhum dos dois... Que ela não iria mais trabalhar lá... –Cândido baixou sua cabeça. Seus olhos se fecharam um pouco, entristecidos. O Vulto se aproximou e se sentou a sua frente.

— Já está na hora de você lidar com isso.

— Lidar com o quê?

— Você a amava...

— ...E ela me rejeitou.

— E isso é normal. Mas, como você está, não é. Continua agarrado a essa ilusão.

— Você disse ser um bom motivo.

— Proteger quem você ama sempre é um bom motivo, mas você não ama ela.

— Como assim? E quem eu amo?

— A ideia que você tinha dela. Aquela pessoa já te disse não, e você tem de lidar com isso.

— Como você lida com o que não existe?

— Do mesmo jeito que você sempre lidou. É a mesma questão de sempre. Você não sabe o futuro, mas sabe o presente. Não importa o quanto você queira que o futuro seja dessa ou daquela forma. Quando já não há possibilidade, você tem que seguir em frente.

— E se eu não quiser seguir em frente. –Cândido diz de cabeça baixa. –E se eu quiser esperar até ela mudar de ideia? –Cândido levanta seus olhos com certo desespero e irritação. –E se eu quiser convencê-la de que ela fez a escolha errada?!

— Então você vai ter de machucá-la... –Cândido parou de falar e deixou seu punho fechado bater contra sua perna com alguma força. Seu mestre o observava, dando-lhe tempo para retomar seu controle. –Eu não estou falando disso à toa, Cândido. Esta é uma distorção da realidade tão comum quanto a dos fanáticos religiosos. Eu tenho notado isso já há algum tempo. Mas, eu estava esperando essas lágrimas. –Cândido se surpreendeu com aquelas palavras. Passou seus dedos em seus olhos, só então percebendo que estava chorando. –Sim, você já sabia. Não é à toa que ela lhe fez lembrar de uma música tão triste. Você sabia

desde aquele primeiro momento que teria de se desfazer de seus sentimentos por ela.

Cândido baixou sua cabeça e deixou suas lágrimas escorrerem. Viu círculos se fazerem úmidos no chão sob seu rosto enquanto se sentia afogar no que significavam. Parecia uma situação inescapável.

Pelos próximos minutos, ele se deixou quebrar, lentamente ouvindo a voz de seu mestre em sua mente dizendo o que já sabia há tempos: “sobreviver requer quebrar as ideias ruins, qual os galhos apodrecidos de uma pequena planta, para que a seiva não seja desperdiçada.”.

Entretanto, não parecia conseguir.

Não treinaram. Cândido voltou para casa sem realmente se focar em nenhum pensamento, até entrar em sua casa pensando em como sua sobrinha tinha evoluído. Pensou estar melhor, já que se permitia pensar em outras coisas além dela. Pensar nela, porém, ainda o deixou triste.

Chuva de Verão

Sua casa se tornou novamente sua caverna. Sentia-se dormente, sabendo a questão que teria de encarar, mas não conseguindo ainda o fazer. As sombras que se moviam em sua casa com o passar do Sol não lhe eram humanas, mas lhe pareciam ser vivas o suficiente para o entreter.

Ao fim de mais uma semana de reclusão, entretanto, ele havia recebido outra ligação de seu trabalho. Tinha de assinar suas férias.

Aquele dia amanhecera nublado e ele se sentia escurecido como as nuvens carregadas. A enxurrada se anunciava inevitável quando ele pegou seu guarda-chuva para sair, ainda que parecesse apenas um detalhe para a maior parte das pessoas que passavam por ele. Não pôde deixar de pensar que, se realmente fosse uma enxurrada como pensava que seria, aquele guarda-chuva não fazia muito mais sentido do que andar sem qualquer proteção.

Andou até seu trabalho, como sempre podia, mas nunca tinha tempo. Mesmo que não tivesse ânimo, forçava-se a o fazer enquanto pensava no que seu mestre dissera, e tentava não pensar nela.

Chegou, assinou, conversou um pouco. Sem querer, fizera o que pensava necessário. Parecia mais leve depois de um pouco de contato humano.

Mas, um comentário, por puro acaso, desfez o que conseguira. Ela assinara sua demissão logo antes. Fossem qual fossem os pensamentos subconscientes que tinha para com ela, a ligação deles com a realidade parecia ter sido completamente quebrada. Sua cabeça se manteve nivelada apenas até sair rapidamente da grande casa onde o curso funcionava. Pensamentos inundaram sua mente.

"Eu nunca mais vou vê-la."

"Eles devem ter estranhado eu sair rápido."

"Eu nunca mais vou vê-la."

"Mas ela não me quer mesmo"

"Eu nunca mais vou vê-la."

"Mas, o quê?

Você pensou que ia poder convencer ela!?"

"SIM!"

Por um instante, os pensamentos se silenciaram. Sentia apenas as emoções se revoltando em sua mente: A raiva de não ter uma nova chance... A impressão de não ser merecedor... A impotência para mudar a situação... Uma alimentando a outra, até que ele percebeu, por trás daquela parede tão negativa uma sensação, como se sua mente tentasse separá-lo dela.

Sim, eu pensei que teria outra chance.

Se tivesse outra chance, poderia convencê-la a me ter como amigo.

Se pudesse ser seu amigo, poderia vir a sair com ela.

E se pudesse sair com ela, poderia vir a ser mais do que apenas um amigo...

E mais e mais “se eu fosse”, “se eu fizesse”, “se eu estivesse”.

Mas isso só te adormece.

Te esquece do que é preciso.

Do que falta para ser amigo ou inimigo,

Ou para fazer valer o que te deixa aflito.

19

A escolha não é sua.

Ela tem de querer.

E ela não quer.

Ele chegara sem perceber ao meio do caminho de volta a sua casa. Sem ainda alcançar aquela sensação, pretendia tornar seu lar novamente sua caverna, ignorar sua mente sempre que precisasse descansar, ignorar as sombras quando pudesse pensar mais. Sabia o que havia, mas ainda não o sentia. Precisava aceitar.

Subindo a ladeira pouco inclinada daquele caminho esquecido pelo poder público e que o público tenta esquecer por tal motivo, ele aguarda o demorado sinal que cronometra quando os carros podem virar para a rua sobre a linha do trem.

O sinal fecha. Ele dá um passo no asfalto. Uma buzina alta o faz pular para trás e ele vê o carro buzinando passar veloz, irritado.

Ele se enraivecia, querendo puxar sua espada, mas se controlava para não o fazer frente às pessoas

que passavam. Não tinha qualquer garantia que poderia os fazer esquecer como no momento em que pôde sincronizar pela primeira vez. Porém, não deixava de pensar que aqueles carros que o ignoravam não mereciam tal consideração.

O sinal abre novamente, permitindo aos que aguardavam virar para a rua ou seguir, enquanto continuavam os da direção oposta a correr ao seu lado. Finalmente o sinal muda. Os que antes esperavam agora ignoravam o sinal, dificultando tanto a travessia quanto aos da direção oposta virar. Lentamente, a outra direção ganha controle da interseção se forçando na frente do que querem ignorar o sinal.

Antes que o sinal mude ou os motoristas decidam por o ignorar novamente, Cândido corre. “Ainda é um mundo de forças, de imposições... Por que eu ainda estou tentando não ser como eles?”.

O pensamento se arrasta em sua mente enquanto ele continua a andar rápido pela calçada estreita e bastante irregular, desprotegida dos carros, e passa pela grade alta que impediria a queda na linha do trem, retorcida por um grande impacto, provavelmente de um acidente de carro.

— Boa pergunta... –Ele ouve em sua mente enquanto se aproxima do fim daquela rua.

— Quem é? –Ele para em frente à escada pela qual desceria, ao lado da íngreme ladeira dos carros, mas ainda esperando pela parada do trânsito para poder atravessar. Sentia que deveria estar mais sério, mas agora estava apenas tentando desfazer sua irritação enquanto impedia sua cabeça de baixar.

— Um “deles”... –A voz feminina diz jocosamente. –Um dos seres “terríiiveis” que admitem que nem toda vida é igual.

— E você veio atrás de mim... –Ele pensa para ela, se deixando entrar no jogo de sarcasmo.

— Não se lisongeie, querido... Você é mais um de centenas de milhares por aí, obscurecidos na multidão até o dia em que um de nós percebe que jogam para fora seus pensamentos.

— E para a minha alegria, vocês reciclam esse lixo e transformam em algo útil... –Ele pensa atravessando a rua rapidamente, em um breve intervalo entre os carros, chegando à escada e se apoiando no velho corrimão decadente.

Trovões ressoam sobre sua cabeça enquanto as nuvens terminam de se fechar. A sua frente, a grande ladeira ligeiramente íngreme desce de sua direita virando para a esquerda até se tornar uma rua

pequena para a direita ao longe, no fim da encosta, e uma curva de quase noventa graus próxima a ela, encontrando-se com a avenida onde ele morava, delimitando um grande campo inclinado de grama com algumas plantas maiores aqui e ali. Ao lado dos limites de asfalto da área ovalada, casas se elevavam tanto abaixo à distância quanto ao longo da encosta que chega a dois andares de altura ao seu lado.

Ao fundo dele, próxima ao encontro das ruas, lá estava ela, de pé, impaciente. Ligeiramente baixa, ela trajava um terno feminino verde escuro de calça comprida. Seu cabelo ruivo encaracolado descia até logo abaixo de seu pescoço, volumoso, mas preso. Social, mas não tão formal. Uma mulher de negócios, mas não tão falsa.

— Não, querido. Nós não somos lixeiros. Nós somos a fiscalização sanitária. Se você prometer parar de jogar fora esse lixo, nós te damos uma chance de aprender a usá-lo para parar outros porcos. Mas, se você prefere ser um porco ou viver com eles, nós temos de nos degradar e limpar a sua lama.

— Hum...

As gotas começavam a cair, súbitas, mas esperadas. Enquanto sua frequência aumentava, algumas poucas pessoas passavam por ele e por ela, em todas as direções, correndo em busca de abrigo. Os dois nem eram notados pela maioria, sendo considerados doidos pelas poucas exceções. Ele pensava sobre a escolha que a mulher colocava a sua frente, enquanto ela cruzava seus braços, um pouco mais impaciente e agora falando diretamente com ele sem se preocupar com os que ali passavam.

— Ainda que eu só esteja sentindo o que você está pensando no momento nessa mente tão bloqueada, eu acho que você quer ser um de nós. E hoje eu realmente não gostaria de ter de ter de limpar lama dos sapatos.

Já tinha feito aquela escolha, mas ela continuava em sua mente, como se lhe dissesse ser uma forma de descansar um pouco. Por mais que quisesse descansar, porém, sabia que aquilo provavelmente o cansaria ainda mais no futuro. Manter-se firme era cansativo, mas se manter firme em uma opinião que não sente ser correta requer muito mais.

Calmamente olhando para os lados, esperou até o último que via ao longe sumir de sua vista. Não

via mais ninguém vindo da rua pela qual passara, ou da direção da avenida atrás dele.

— Você está olhando demais para os lados... –Um último homem correndo sumia ao longe em sua vista, enquanto ela chamava sua atenção. – ...Sua resposta é clara.

A chuva se intensifica. A água corre pela grama e asfalto descendo as ladeiras. Em sua mente, ele começa a ouvir um pensamento deliberadamente lançado forte ao ar.

Este é o fim

Segure o fôlego e conte até dez

Sinta a terra se mover e então

Sob seus pés, ele sente um pequeno tremor que o faz arregalar seus olhos, e o faz voltar rápido seu olhar para ela, pensando nas consequências deste poder. Ele vê seu sorriso enquanto ouve em sua mente seu cantar.

Ele deixa a água de sua arma sair em sua mão, mas sem saber o que poderia fazer, ele não forma sua espada ou seu chicote. As próximas palavras apenas aumentam sua sensação de alerta.

Ouça o meu coração se partir de novo

Pois este é o fim

Eu me afoguei e sonhei este momento

Tão além da conta, eu devo a eles

Levada pela correnteza, roubam a mim

Ele quer se forçar a tentar algo enquanto sente o tremor novamente, vendo junto a seus pés pequenas rachaduras começarem a surgir, mas não sabe o que poderia fazer. A sua direita, a encosta que serve de base para as casas mais altas começa a mostrar uma grande linha de onde se desprendem pedaços de terra.

Deixe o céu cair

Quando ele ruir

Nós estaremos de pé

26

E encararemos tudo

Juntos

Ele baixa a cabeça, forçando os olhos e tentando negar as palavras que ouvia, desejando saber o que fazer. Sua mente tentava ignorar a voz que ecoava sua relação com o Inquérito e seu poder, assim como som sob seus pés, e sentir apenas sua água em sua mão, em meio à enxurrada que caía, pensando no que ela poderia fazer.

Silêncio se fez dentro dele. Tinha apenas aquela sensação, barricada nele por pensamentos mais enfraquecidos, e sua água em sua mão. Quis aproveitar para derrubar aquela barreira, mas não podia naquela hora. Focou-se na água e desejou que ela resolvesse o problema.

Por um longo momento, só havia esse desejo naquele silêncio, até um som interrompê-lo: uma gota caindo. Abrindo seus olhos de cabeça baixa, ele viu uma das rachaduras frente a seus pés e a gota que caíra de sua água unindo os dois lados antes de escorrer.

Seus olhos se firmaram. Ele desejou que aquela gota se espalhasse mais, cobrindo toda a abertura e assim ela fez, impedindo que o próximo tremor

aumentasse aquela pequena fenda. Esboçou um suspiro de alívio, mas este logo se apagou com a imagem da pequena encosta onde uma rachadura bem maior se abria.

"Doronumakara hayase[1], Kuroashige[2]!" A água se tornou uma tifa, crescendo rapidamente enquanto ele mexia seu braço. "Deishousui[3]!". Chicoteando para a direita, a arma lança a cada movimento um disparo de gosma que atinge a encosta em quatro lugares, espalhando-se e prendendo a terra que atingem. Sua água se entranha na encosta e a segura.

A expressão da mulher se torna mais séria. Sua voz começa a soar poderosa, continuando a música.

Deixe o céu cair

Quando ele ruir

---

[1] 泥沼から生やせ (Doronumakara hayase): Cresça da marisma, cresça do pântano.

[2] 黒葦毛 (Kuroashige): Cinza aço, cinza intermediário em cavalos jovens, em Japonês. Combinação dos kanjis 黒(Kuro): Preto, 葦(Ashi): Tifa ou planta da mesma família e 毛(Ge): Cabelo, Pelo, Pena, Baixo.

[3] 泥沼水(Deishousui): Água de Pântano, em Japonês.

O chão do grande quarteirão treme intensamente por um momento. O movimento se torna violento, e então para.

Cândido olha para ela, tendo certeza do que viria a seguir. Ele corre para sua direita descendo a calçada em direção à mulher. A sua frente, Um tremor focado quebra uma das peças de.

Cândido para subitamente, vendo o profundo buraco onde ainda caíam os pedaços da placa. Imediatamente a seguir, ele percebe algo semelhante atrás de si, porém, mais forte. Instintivamente olhando por cima de seus ombros, ele vê dois buracos semelhantes se formarem, engolindo um pedaço de asfalto e outro de grama. Equidistantes, os buracos rapidamente se expandiam, fazendo rachaduras se estenderem e os ligar, prendendo-o em um triângulo.

Ele notava o que ocorria, mas não conseguia pensar tão velozmente como de costume.

Sentindo que o concreto sobre o qual estava começava a baixar, Cândido pula para a calçada. O chão imediatamente treme violentamente, fazendo-o perder o equilíbrio por um instante.

Pensou que deveria ter previsto aquilo. Fez-se continuar. Ele corre com dificuldade por entre as vibrações, ao mesmo tempo que a água de sua espada corre para a sola de seus pés. Enquanto os buracos se

abriam, a água de sua arma nivelava o chão em que ele pisa e o empurrava por cima dos buracos.

A meia distância, Cândido ganha velocidade e levanta sua tifa em direção à mulher. “Suidangan[4]!”. A ponta da arma se torna uma esfera de água que é disparada em direção a ela.

Seus olhos estavam fechados. Ela parecia se concentrar. Com o disparo a um braço de distância, um pedaço de terra se ergue a sua frente, recebendo o impacto. Ela sorri levemente.

A pequena parede logo racha diante de seus olhos. Ela sabia ter sido atingida por um novo disparo, lentamente se desfazendo.

Ela se prepara para desfazê-la, mas antes que pudesse, a parede se quebra violentamente. Ela dá um passo para trás assustada. A dois palmos de seu rosto, um terceiro disparo perfurara a terra que a protegia.

Ela aperta seus olhos instintivamente. Sentiu algo incomum atingir levemente seu rosto. Abriu seus olhos ligeiramente, enquanto ria de lado. Continuava a cantar, envolvida em uma nuvem de vapor que sentira se formar a sua frente.

---

[4] 水弾丸 (Suidangan): Disparo de água, em Japonês. Combinação do kanji 水 (Sui): água e da palavra 弾丸 (Dangan): bala, disparo, munição explosiva.

Cândido parou, olhando para ela e tentando entender. Seu disparo sumira subitamente. Subindo ao lado dela, porém, duas pequenas linhas mais escuras se misturavam ao vapor que se dissipava.

Ele aperta os olhos, deixando a água de sua arma em sua palma como uma pequena esfera, pronta para assumir a forma que precisasse. Seguindo as linhas que enfraqueciam sob a chuva, Cândido vê na grama uma pequena área de pontas escuras, com uma fraca luz em seu centro que quase se apagava, quando a folha de grama é atingida por uma gota de chuva.

Nós estaremos de pé

E encararemos tudo juntos

Na queda do céu

Cândido se concentrava em observar o local tentando absorver como ela evitara o ataque enquanto se desviava dos pequenos tremores. Parou de correr em sua direção, apenas desviando para os lados.

A fina lâmina verde se dobra com o peso da água. A gota cai e impulsiona a folha para cima, lançando ao ar uma pequena brasa cuja luz deixava de ser emanada.

Por um instante, a surpresa arregalou os olhos de Cândido, que logo em seguida tomou uma expressão séria. Agora parecia ouvir claramente algo que não notara até então.

Ela parecia se irritar. Há um momento, ela ria, como se ele não houvesse como a vencer. Ele se vira. Sua espada, Nezumi[5], surge em sua mão. “Ele percebeu! Proteja-se!”. Rapidamente deitada para a direita, a espada acumula seu líquido em quatro pontos.

Um tremor se fez rápido e violento sob ele. Com a ajuda do líquido sob seus pés Cândido pulou alto e para trás, cortando o ar em seguida. “Mizuhari[6]!”

Os acúmulos sobre a lâmina se tornam agulhas, voando em direção ao topo da ladeira. Imediatamente Cândido vira sua espada para cortar para esquerda, acumulando água novamente e a lançando como novos disparos.

Cândido presta atenção a seu alvo por um instante enquanto perdia seu momento no ar. Era um homem de terno escuro, ligeiramente baixo, levando consigo uma adaga do bolso que emana uma aura alaranjada, cortando o ar e deixando uma chama

[5]鼠 (Nezumi): Rato ou camundongo, em Japonês.
[6]水針(Mizuhari): Agulha de Água, em Japonês. Combinação dos kanjis 水(Mizu), Água, e 針(Hari), Agulha/Ferrão.

pequena que recebe as agulhas que voavam em sua direção, fazendo-as evaporar.

Cândido vira seu rosto na direção da mulher enquanto começa a cair, vendo-a puxar uma adaga semelhante emanando uma aura marrom. Ela ergue a adaga com sua lâmina para baixo e apunhala o solo a sua frente, gritando a última frase de sua canção.

Na queda do céu!

Cândido viu um tremor mais forte fazer o chão ao redor da adaga vibrar e se espalhar mais rápido, como uma onda em direção ao solo sob eles. As rachaduras, porém, diminuíam até sumirem formando um longo círculo ao seu redor.

A um corpo de distância da rua, ele tinha certeza de se tratar de um ataque que se tornara mais profundo que os demais. Nezumi se torna Kuroashige. Cândido chicoteou o chão antes de alcança-lo com o máximo de força que pôde empregar, formando uma trincheira no asfalto, coberta com uma camada de seu líquido pronto para estabilizar o chão.

Ele chegava ao chão no meio do buraco que cavara. Uma palavra tocou seu ouvido enquanto seus